

# Aecha ra'u: vi em sonho. História e Memória Guarani Mbyá

Vera Lúcia de Oliveira

**Resumo:** Este trabalho focalizará a narrativa Guarani Mbyá e a produção de experiências que as mesmas evocam, cujo efeito na vida do grupo é a experiência e o conhecimento dos sonhos, que conduzem a novas narrativas e experiências.

**Palavras-chave:** sonhos; cosmologia; narrativas.

**Abstract:** This study will focus on the Guarani Mbyá narrative and the production of experiences that it evokes, the effect of which on the life of the group is the experience and knowledge of dreams, which lead to new narratives and experiences.

**Key-words:** dreams; cosmology; narratives.

Doutoranda do Programa  
de Pós-Graduação em  
Sociologia e Antropologia da UFRJ.

## A narrativa fabricando experiência

Os Guarani fazem parte do tronco lingüístico Tupi, família Tupi-Guarani e são divididos em Mbyá, Nandeva e Kaiová. Este trabalho focalizará os Guarani Mbyá da aldeia Sapukaia em Bracuhy, Angra dos Reis - Rio de Janeiro, onde realizei meu trabalho de campo<sup>1</sup>.

As histórias Mbyá, universo das metáforas, são contadas à noite nas casas, na reunião da comunidade semanal e no *opy*, quando ocorre no *opy* é depois do *jerokjy*. Todos escutam e participam buscando memorizar a história para então, num outro momento contá-la aos demais. São “histórias”, dizem, “e são verdade, aconteceu”. A história é anunciada como uma verdade, todos ficam esperando quietos, depois, durante a narração é só risos. Para memorizar uma história, o Mbyá deve contar aos outros, e quando todos se reúnem cada um conta uma história, já contada por outra pessoa. A experiência vai marcando o conhecimento e vice-versa. O mundo guarani mbyá é dependente da experiência para que possa entrar em operação, o que importa para os guarani não é apenas possuir um pensamento abstrato e formal, mas sim uma forma de presentificar esse pensamento no mundo, o gera ações. A experiência é importante para outros povos como, por exemplo, os Pirahã<sup>2</sup>, cujo pensamento abstrato possui pouca importância sem a experiência.

A experiência mítica para Detienne (1981) revela uma realidade que penetra cada ser, a ponto de a ela conformar todo seu pensamento. O mito não se confronta com conceito, pois mais importante que pensar a realidade é vivê-la. A memória falada para Detienne não consegue deixar de transformar, e a narrativa não é repetição e reprodução, mas transformação, interpretação tendo o ‘outro’ o seu lugar no processo de criação. É na experiência que a narrativa se fabrica. Isso parece relevante para refletir como os Mbyá, através das histórias e narrativas oníricas resignificam seus mitos dando ênfase às experiências vividas.

A versão é diferente, mudam pequenas coisas. Eles estão cientes disso, mudam também o jeito de contar. Um conta mais sério, outro faz mais performances, mas a ‘matriz’ é a mesma. A história vivida pelos parentes que se foram, as relações traumáticas e o resultado dessas experiências, possibilitam ao Guarani Mbyá resignificar seus mitos mantendo uma matriz referencial de origem e de vivência.

A matriz simbólica se refaz nessas histórias cujas metáforas trazem os personagens míticos ao cotidiano da história: é o corvo na história do Juruá, a onça na história de Kuaray e Jachy e no sonho verdadeiro, o porco-do-mato na história do Pa’i, entre outros.

Foram várias as histórias que presenciei entre os Mbyá, dentre as quais destaco a História do Juruá.

### **A História do Juruá, por Verá Mirim**

Tinha o Juruá uma família pobre, com dois garotos. Um dia o mais velho falou para o pai: - puxa, você é muito pobre, minha mãe pobrezinha, nos queremos viajar lá não sei onde procurar emprego para ficar rico.

Os pais falaram: podem ir, nós somos pobres mesmo, podem ir.

- Então amanhã nós vamos. E pediram a mãe bolo para levar, para ter de comer. No outro dia, bem cedo, mãe entregou um bolo para cada.

Eles foram, andaram e andaram. Deu fome, e pararam. O irmão mais velho disse: - vamos começar pelo seu bolo, depois nós comemos o meu.

Respondeu o irmão mais novo: - está bem. Comeram, e depois voltaram a caminhar. De noite comeram mais do bolo do irmão mais novo. No outro dia acabou o bolo do irmão mais novo. Após andarem pararam, o irmão mais novo sabia que ia comer bolo do irmão. Mas este comeu sozinho, não deu nada. O irmão mais novo não entendeu, ficou com fome e perguntou: - você falou que eu iria comer do teu bolo e nada, porque?

- Falei, disse o mais velho, estou estudando um pouco, eu quero algo de você e então você come o bolo. O irmãozinho sentiu porque o irmão falou assim. De tardinha deitou e pediu ao irmão um pedaço de bolo. Este respondeu: - eu já disse, entrega o que eu quero e você come o bolo.

No outro dia levantou, cedo e não agüentava mais. Perguntou: - o que meu irmão está precisando de mim? Eu não tenho nada!

Respondeu o irmão: - se você quer comer deixa eu furar sua vista de um lado.

Disse o irmão mais novo: - pode furar.

Ele furou a vista do irmão, que ficou cego dela, e deu um pedaço de bolo só. O irmão comeu.

Andaram, passou uma noite e no outro dia, meio dia o irmão mais novo não agüentava mais, e pediu mais um pedaço de bolo. O irmão disse que só dava se ele deixasse furar o outro lado.

Ele não agüentava, olhou, escolheu um lugar, sentou e disse: - pode furar. Então seu irmão furou a outra vista e foi embora, o deixando cego.

Ele ficou pensando, não enxergava mais, estava com fome, não tinha o que comer, e agora? O que fazer? A tarde escutou uma carroça. Era um viajante. Ele disse:

- Você é um rapaz novo, como ficou assim?

Ele ficou calado, não respondeu, como explicaria?

O viajante falou: - eu estou sem filho, vou carregar você. Mas o burro não agüentava, então o viajante disse: - Vou deixar você aqui e amanhã venho te buscar. Vou deixar água, bolo, e você não sai daqui. E o colocou embaixo de uma árvore bem grande.

Ele ficou ali. Já era noite, ele dormia, então acordou com um barulho. Ficou quieto, escutou mais barulho, muito barulho e ele se assustou, ficou quieto. Eram corvos, eles dormiam lá, um bando. Dormiram, cada bando de corvo tem um cacique. Quando foi três horas da manhã, o cacique levantou e disse: - Levanta minha comunidade, o que vocês sonharam?

O primeiro começou. Hoje, sonhei que um rapaz novo está cego. Mas depende, ele vai saber se salvar e vai enxergar de novo. Daqui a distância tem uma tapera. Aí chegasse lá tem um terreno bom, e muita andorinha. Quando ele vai se sentar e elas vão pousar na cabeça dele. Se ele pegar uma nova ele tira uma pena da asa, e o sangue que sair (o líquido) ele joga nos olhos, e vai enxergar. Aí perguntou ao outro: - e você, o que sonhou?

O outro respondeu: - eu acho que sonhei essa parte. Depois da tapera, uns 15 km. Eu sonhei, tem uma moça muito doente, só chora. Ela é bem fácil de curar.

A mãe da moça vigia, e se passa alguém ela chama. Ela pergunta se você é médico, não sou mas sou capaz. Ai chega lá e pergunta o que tem. Ninguém nunca entrou lá. Explica que vai fazer remédio e faz. Corta qualquer ponta de erva, põe na água em bacia, entra onde está a moça, molha o cabelo e a cabeça dela. A mãe dela vai perguntar onde vai dormir, você pode ficar com ela, cuidar dela. No outro dia você convida a moça para passear, ela nunca passeia.

Pode trazer de tardinha, ela vai ficar alegre e boa.

E você o que sonhou? Perguntou a outro corvo.

Eu sonhei quase a mesma coisa. Depois dessa moça doente tem outra, bem depois dessa casa. Já faz cinco anos e a mãe dela também vigia a estrada. Ela também é fácil de curar. Faz a mesma coisa com a erva, mas ela nunca saía de casa, e nunca dormia com homem. Ela é muito rica, assim como a outra, e o que pedir a mãe paga. Ela nunca dormiu com homem e se dormir vai ficar alegre.

O ceguinho estava ali escutando tudo.

O corvo perguntou a outro, e você o que sonhou?

Eu sonhei que lá no campo tem bicho morto para comer<sup>3</sup>.

Então vamos, disse o cacique, e foram.

O ceguinho se ajustou e saiu na estrada, estudando o que o corvo tinha dito. Andou, e escutou o barulho da andorinha. Estava no local que os

corvos indicaram. Ele sentou e as andorinhas vieram; derrepente ele pegou uma, e fez como o corvo havia dito. Logo, voltou a enxergar. Aí ele lembrou da moça doente, foi era verdade a mãe estava vigiando. Ele passou, a mãe olhou e chamou: - ei, você é médico? Respondeu: - não, mas sei curar, sei fazer remédio. A mãe da moça pediu que entrasse para cuidar de sua filha. Então ele foi e fez tudo que havia dito o corvo. A mãe ficou alegre e a filha também, ela perguntou o que ele queria, e ele pediu uma caixa com ouro e outra com prata, e guardou ali mesmo.

Lembrou da outra moça também doente, foi a mãe dela também vigiava, e o chamou, fez a mesma coisa que fizera com a moça anterior, porém dormiu abraçado com ela. Ela levantou alegre, feliz, e disse para a mãe: agora estou curada.

A mãe perguntou quanto ele ia cobrar.

Ele disse uma caixa de ouro e outra de prata. A mãe disse: - ah, você pediu pouco. Ele foi embora com as caixas, voltou para a casa da primeira moça e casou com ela, ficou rico. E todos se impressionaram com aquele homem, que ninguém sabia de onde veio, e ficou tão rico.

O irmão continuava pobre, e ao saber do homem rico foi ver se arrumava um emprego. Quando chegou, viu o irmão dele. Ele pensou, como o irmão dele ficou rico assim? Queria saber.

O irmão disse que não podia contar. Sua mulher disse; conta logo. E ele acabou contando.

O irmão pediu para levá-lo lá, e ele levou, fez bolo e deu com água para o irmão, deixando-o lá embaixo da árvore. Antes explicou tudo e alertou para escutar os sonhos.

Antes do irmão partir, ele o chamou e pediu para que ele o deixasse cego, e ele assim o fez, e partiu.

E ele ficou lá até que às três horas se iniciou a reunião. O corvo perguntou a comunidade; e aí comunidade, o que vocês sonharam?

Um disse: hoje sonhei com uma pessoa doente, mas que é fácil de curar. O homem é rico e se pedir qualquer coisa ele paga.

E ele ali escutando tudo.

O outro disse: eu sonhei que aquele ceguinho já se curou e ficou muito rico.

O outro se levantou e disse: tem um ceguinho embaixo de nós e que está escutando tudo. Aí o Cacique disse: então vamos desce matar o ceguinho e comê-lo.

Na História do Juruá...

\*\*\*

A história foi contada primeiramente à noite, num ambiente escuro. Os risos eram da fala e da forma como Verá Mirim contava. Dias depois, foi contada pela manhã, para que eu pudesse registrá-la. Neste momento, todos se sentaram próximos ao Verá Mirim: as crianças, as mães, os jovens, homens e mulheres. A performance com os gestos, com a fala e a adivinhação fez da narrativa um momento de pura diversão. A história possibilita aos Mbyá uma sensibilidade para com as emoções desses encontros e relacionamentos.

Na história do Juruá percebe-se uma leitura dos Mbyá da sociedade branca, com desigualdades internas, assim como, inveja e traição entre si. Segundo Verá Mirim, “o branco faz mal ao irmão”, e com irmão ou cunhado não se pode ter esses sentimentos na cultura guarani; rompimentos provocados por inveja (ciúme) ou raiva, nem pensar. Para ele, a história fala da maldade e desconfiança do branco para consigo mesmo.

Podemos perceber na narrativa, uma sociedade onde as obrigações de parentesco ficam de lado perante interesses financeiros, de tal forma que, o caráter da pessoa se transforma e ela trai, faz mal. O juruá também se distancia da natureza, na história ele não retribui nenhum elemento da natureza, ao contrário, trairá os que o ajudaram com seu segredo. O uso da erva para curar, também é criticado pelos índios, “o branco descobre a erva e a cura e vai embora ganhar dinheiro, como na história, ganha dinheiro e mulher”, observa Verá Mirim. Ele pergunta se eu não conheço branco assim, digo que não, e ele aponta vários na região, e diz: com juruá não pode brincar.

Que sociedade é essa, para os guarani? É uma sociedade perigosa, não resta dúvidas, visto que eles não se abrem para esta sociedade, afinal ela é ‘emotiva’ demais, ou seja, ‘as pessoas’ possuem inveja do próprio irmão, e se possuem inveja, possuem raiva, e a raiva leva ao mal<sup>4</sup>. A raiva é um sentimento ruim para os guarani, uma pessoa não pode ter raiva guardada, pois pode fazer mal, como por exemplo, causar briga entre parentes, e/ou fazer *mba’evyky’a* (feitiçaria). Diante de um desentendimento, toda a aldeia se reúne para resolvê-lo, pois uma pessoa não deve ficar com sentimento ruim para com outra<sup>5</sup>.

A narrativa absorvida pela comunidade, ensina sobre o juruá e a vivência vai fortalecendo essa relação; a narrativa também aponta o uso dos sonhos pelos corvos, muito semelhante aos sonhos, ações e narrativas que os sonhos Guarani Mbyá produzem. Os sonhos narrados pelo corvo, explicam como eles adquirem conhecimento dos remédios, que ervas usar e como tratar. Nota-se que uma narrativa complementa a outra (os corvos seguem uma seqüência lógica terapêutica).

## Os sonhos como experiência e conhecimento

Contar os sonhos para os Mbyá é tão importante, que é culturalmente institucionalizado. A narração costuma acontecer pela manhã, quando a pessoa acorda e conta o sonho (*ra'u*) para sua família, de preferência, tomando chimarrão. Depois vai para a casa de Ñanderu, onde já se encontram vários amigos e parentes tomando chimarrão e também narrando seus sonhos. As mulheres usam um pouco o *petyngua*.

A narrativa se inicia com Ñanderu ou alguém que sonhou perguntando aos demais, “você sabem com o que eu sonhei”? Existe uma tentativa de adivinhação, e então a pessoa que sonhou diz “*aecha ra'u*: vi em sonho” e então o sonho é narrado. A narração do sonho costuma ser curta, longa é a conversa gerada pela interpretação<sup>6</sup> se é bom ou ruim, o que o Ñanderu acha; todos dão opinião, e após toda a conversa, a decisão é pessoal, se a pessoa sai de casa ou não (caso seja um sonho que prevê um acontecimento). Geralmente o coletivo recomenda não sair de casa, esperar.

Os sonhos Guarani Mbyá são uma ligação entre o cotidiano (“realidade”) e a cosmologia. O sonho faz a ligação entre o mundo invisível e o cotidiano reforçando uma concepção ‘religiosa’ voltada mais para a “realidade histórica” do que para um “mundo metafísico” devido às ações que desencadeia. Os sonhos também apontam para uma noção de duplo da pessoa, uma corporalidade que se manifesta no sonho, a pessoa se manifesta por inteiro, está presente em corpo, pode ser vista: o sonho é real.

É importante frisar que os Mbyá dizem que vão para outros lugares, que o seu corpo/alma se desloca no sonho, que sai “de um lugar e vai até outro”. Busquei entender o que eles queriam dizer sobre essa saída e não perguntar se é a ‘alma’ que vai, ou a ‘energia’ que cura. Percebi uma dificuldade dos informantes de explicarem sobre esse deslocamento. Perguntei: “como vai passear quando tem esse tipo de sonho”? A resposta foi: “vou com roupa, às vezes com flechas”. Perguntei: “Como assim? É você”? “Sim, sou eu que vou, como estou agora”. “Você se vê no sonho”? “Sim, o sonho é como aqui, eu vejo tudo, é real. Às vezes vejo os parentes, outras corro de algo, escuto tudo”. “Então no sonho você pode correr perigo”? “Sim, se encontrar algo ruim sim. No sonho o corpo alcança outros espaços”. “O corpo voa de tão leve”.

O corpo desperto fica doente, quando saudável pode sentir o perigo da cidade, dos animais, escuta os avisos da mata e sabe se algum animal o atacará, podendo ele se proteger e adiar sua caça. No sonho o

corpo também tem contato com parentes, com um espaço diferente e real, pois vai até lá, ao espaço dos deuses (o espaço dos mortos, dos parentes).

Segundo Verá Mirim existem dois tipos de sonho entre os Guarani: o sonho verdadeiro (ou sonho bom) e o sonho comum. O sonho verdadeiro (*ou bom*) produz a visão – quando corpo voa, passeia<sup>7</sup>. Para a alma passear, é preciso ter o corpo *leve*, acreditar, crer no “Deus que criou tudo”, o “pai de todos”, “o Sol, a Lua é sombra do Sol, não tem pai nem mãe, o Sol é filho de Deus, e foi filho como nós”. Verá Mirim sempre relaciona sonhos e narrativas míticas (por citar Kuaray e Jachy) ao falar do passeio da alma.

Os sonhos comuns são premonições e explicam algo que alguém possa estar fazendo contra um Guarani (assim como outras coisas). Se o Guarani tem um sonho com ovos, pode estar sujeito a confusões, intrigas. Conforme o sonho, os Guarani deixam de ir a cidade, ou de se expor até mesmo entre eles. O mesmo procede caso ele sonhe com um jacaré.

O sonho verdadeiro ou bom é cercado de cuidados para ser contado. Este tipo de sonho é contado para e pelos adultos e requer um determinado isolamento para ser narrado e analisado geralmente pelo *Ñanderu* e pelos xamã guerreiros. Costuma-se ir direto para *Ñanderu* relatar o sonho que será analisado por ele, autoridade maior em sonhar e interpretar os sonhos.

Os sonhos também são analisados pelos *opitaive* e *oporaiva* quando necessário pois estes são os que têm os sonhos verdadeiros (o poder gerenciando ações oníricas). Mulheres casadas, ‘rezadoras’ também sonham.

Se alguém tem um sonho bom logo se sabe pelo seu olhar e sorriso, a pessoa chega “alegre”, feliz, disposta para trabalhar ou sair. Um sonho bom faz a pessoa amanhecer nesse estado: “alegre”, feliz. Para se ter um sonho bom tem que pensar em *Ñanderu* e não pode ficar nervoso, se ficar nervoso (*pochy*) o *Añã*.<sup>8</sup> vem para perto e produz sonhos ruins. Ficar nervoso significa para o Mbyá perder o estado de “alegria”, o “prazer” e conseqüentemente a “leveza”.

Um sonho ruim pode dizer que a pessoa está ou vai ficar doente. O sonho ruim pode aparecer tanto no sonho verdadeiro (ou bom) quanto no sonho comum.

Num sonho verdadeiro ou bom, aquele em que a pessoa sai, sempre aparece o sonhador acompanhado de um parente, pois são sempre duas pessoas (o sonhador e seu parente). Segundo Verá Mirim, quando se sonha assim, que se está voando, é sonho de *Ñanderu*, é ele querendo



mostrar alguma coisa. Sonho bom possibilita contato com Deus e com os parentes.

Um informante, iniciado como *oporaiva* relatou alguns *sonhos verdadeiros (ou bons)* dos quais destaco<sup>9</sup> um que anunciou uma morte.

Sonhei com um falecido que me parou no meio da mata, numa descida e pediu para eu ficar ali com ele, para não descer. Então voltei e fiquei, porém olhei minha família descendo e fui junto. Então o falecido chamou outro Guarani, e um voltou e ficou (eram vários Guarani descendo o morro). Não olhei para trás para ver quem ficou. Com este sonho, os *oporaiva* e *yvyraija* podem prever uma morte, pois uma pessoa “*havia ficado*”.

Uma semana depois, um Mbyá que escutou o relato faleceu; ele era um *opitaive*, que pôr ter infringido uma das regras para atuar como *opitaive*, estava aborrecido com os demais, apesar deles cuidarem de sua saúde. Depois deste sonho narrado, os Guarani intensificaram seus rituais cotidianos no *opy* (casa cerimonial) o que garante uma harmonia para os Guarani, pois, por ser rezador, X pode realmente levar aquele que estiver com o corpo fraco. Mas apesar das rezas, os Guarani sabem que alguém pode ir e aceitam isso.

Destaco também um sonho de cura:

Chunu narra que uma Guarani muito doente havia sonhado com Kuaray, ela não entendeu porque sonhou com ele: “sonhei com Kuaray, ele chegou, eu estava deitada, ele começou a rezar e a me curar” Acordei e não sentia mais nada. Isto aconteceu porque *yvyraija* cura a distância, em sonhos para o doente (o doente sonha que esta sendo curado).

Nimuendajú observou entre os Apapocúva (Chiripá) a importância dos sonhos e sua interferência na escolha do lugar para ficar, ele cita um sonho, cujo preparo para a narrativa é o canto dado no sonho, cantado até o amanhecer atrai os Guarani para a casa do sonhador, o que é provável que aconteça também em *bracuhy* caso o sonho seja revelador de mudança para Ñanderu, porém ele não sonhara nada assim em meu período na aldeia;

Um sonho narra que Joguyroquý

teria visto, de noite, como os homens de seu bando desavieram, pelejando com armas; portanto as insígnias de capitão ele surgira no meio deles para apartar; de repente, porém, receberá um golpe mortal de foice que o atirou ao chão. Os outros então teriam-no o erguido e carregado até seu rancho, onde todo o povo e os pajés se juntaram a sua volta enquanto agonizava; aí cantaram assim: entoava a melodia fúnebre (Nimuendaju, 1987, p. 35).

Segundo Nimuendajú (1987, p. 35), Joguyroquý virou-se e lhe disse: “você mesmo vê, Tujá, não podemos continuar morando aqui, temos que ir para a fazenda Boa Vista”. Não se mudaram devido ao trabalho de convencimento incansável de Nimuendajú, pois para os Guarani os sonhos são acontecimentos reais que podem interferir no rumo de suas vidas. Nimuendajú também faz uma observação que encontramos em Bracuhy: quem sonha sabe e pode muito mais do que aquele que não sonha, “o sonho é expressão de poder” (Nimuendajú, p. 1987). Esta observação cabe aos sonhos verdadeiros.

Garlet percebe o mesmo poder dos sonhos entre os Mbyá do Rio Grande do Sul, em prever acontecimentos e buscar novos espaços para a *teko'a*, envolvendo, assim, toda esfera cultural. O *teko'a* ideal é o *teko'a* mostrado a Ñanderu nos sonhos. Segundo seu ‘informante’ Artur Benitez: “para existir um lugar tem que acontecer a mesma coisa que precisa para existir a pessoa. Assim como a concepção, o *Teko'a* precisa ser sonhado” (Garlet, 1997, p.157). Este fato é para Garlet uma associação entre espaço e pessoa.

Não resta dúvida sobre o papel cultural do sonho e da complexa teoria onírica Mbyá que se reporta à ação humana, cujas formas (como as pessoas se apresentam nos sonhos) são sentimentos.

O sonho tem grande importância e destaque no cotidiano Mbyá, pois é através dele que o cotidiano se refaz constantemente como o sonho que anuncia a concepção<sup>10</sup>, e sua interferência é direta no corpo e humor do Mbyá. Os sonhos não somente prevêem acontecimentos como possibilitam ou evitam determinadas ações cotidianas.

Destaco um exemplo dentre outros de sonhos que prevê um acontecimento ruim. Foram narrados vários sonhos premonitórios que não foram evitados, com a preocupação de mostrar o que acontece quando não se respeita e escuta os sonhos. Segundo os Guarani Mbyá estas pessoas aprenderam a escutar os sonhos.

Eu sonhei que, andava na mata, andava, andava, e pisei num pedaço de cipó *guembé* que, estava na frente. Quando o cipó me viu, ele bateu em mim. Acordei preocupado e contei a minha esposa. Fiquei preocupado pois meu filho foi caçar e eu fiquei. Ele voltou, mas tinha sido picado pela cobra.

Geralmente, após a narração dos sonhos, muitos acabam saindo de casa, não evitando os acontecimentos, mas passando a acreditar mais nos sonhos. Williams y Degarrod (1990:291) tratam do uso cultural e comunicativo dos sonhos, cujas interferências são as ações que provocam, concluindo que “a maioria das sociedades tomam alguma medida

depois que o sonho é interpretado; as ações implicam em após a mensagem executar algum tipo de mecanismo que evita as conseqüências”. Os sonhos são tão importantes que, se o sonhador não os compreende fica apreensivo. As reações emocionais provocadas pelos sonhos são fortíssimas: ficam tensos, nervosos e não saem durante três dias (presenciei vários momentos de tensão por conta dessa situação).

Por exemplo, Verá Mirim não entendeu um sonho: “Ele ia descendo e encontrou uma sobrinha manca já falecida. Ela estava alegre, pulava, aí veio Kará e Verá e brincaram com ela”. Verá não entendeu o sonho e por isso não queria sair de casa, sua esposa precisava pegar a aposentadoria, agüentou até o terceiro dia e quando sua esposa pediu para ir a cidade pegar o dinheiro, ele não queria ir. Mas teve que ir, e foi rezando daqui até lá (eu estava com eles), e só ficou alegre na volta, quando chegaram em Bracuhy.

Entre os guarani o mecanismo é não sair de casa por três dias, mas se o mecanismo falha a crença no sonho se refaz. Ao evitar que uma narrativa onírica ruim se torne um acontecimento, criam-se ações que desqualificam outras. Assim, se um marido trai sua esposa, e esta tem um sonho ruim com ele subentendendo que ele está fazendo algo errado pode acontecer uma coisa ruim com ele, que, conseqüentemente, deixa de trair a esposa.

Tudo é real e institucionalizado nas interpretações, e isso cabe aos sonhos verdadeiros e bons e os sonhos comuns citados acima; todos sonham e de certa forma todos têm um pouco de xamã no sentido que Waud Kracke dá ao termo. Para o ele “qualquiera que sueñe, dicen, posee un poco de shamán: tiene un poco pajé” (Kracke, 1990, p. 146).

O sonho Kawahib possui uma manifestação do poder xamânico. O sonho Kawahib é uma incumbência dos xamãs. Para os Kawahib “o sonho é um meio importante não somente para captar a realidade, mas também para atuar dentro dela” (Kracke, 1990, p. 147).

Os sonhos Mbyá mostram contato com outros seres, avisos, possibilitando à pessoa comunicar-se com outros planos e fazer uma intervenção na realidade.

Não me foi narrado nenhum sonho bom; segundo um informante o sonho bom (sonho comum) é quando você sonha com o futuro cônjuge, e quando você recebe sua reza individual. Segundo Montardo (2000, p. 12) “as músicas tem uma ordem e roteiro, que são dados em sonhos”. O que me foi relatado em Bracuhy é que todos os *yvyraiija* (jovens xamãs) recebem seu canto através dos sonhos.

Os sonhos expressam os mais puros sentimentos Mbyá, são ações que desencadeiam uma série de ações cotidianas que são pautadas em vivências e sentimentos míticos<sup>11</sup>, expressando conhecimento.

O conhecimento institui-se das relações entre sonhos e experiências entre os Mbyá e sonhos *versus* comunicação, ou seja, quando realizam uma comunicação com Ñanderu (divindade) vão a outros lugares, a região dos ‘deuses’ e conversam, ou vêem os deuses, que estão sempre como um parente (são os parentes) e criam ações imaginadas e realizadas.

A experiência onírica Mbyá possibilita o acesso a outros planos, outros espaços, porém os Mbyá nunca estão sozinhos, têm um parente que os acompanha ou que dialoga com eles. Problematizam a diferença e a semelhança, o poder deles sobre o cosmos ou o cosmos a serviço deles, vão até estes espaços, retornam, escutam Ñanderu, ‘Deus deles’, e adquirem seus nomes, que anunciam a concepção, passa-lhes rezas, enfim, há uma continuidade entre os planos.

## Considerações

As experiências adquirem relevância nos sonhos, assim como os sentimentos. Os sonhos Mbyá são uma mediação entre a realidade, o cotidiano e sua cosmologia, em que as narrativas oníricas estão interligadas. Neste caso, todas as experiências históricas, tanto passadas quanto atuais, ou seja, o contato com os brancos, as relações fruto desse contato e como esse contato é estabelecido hoje, são adaptadas à matriz mítica dos sonhos.

Os sonhos Mbyá, fazem uma configuração entre os sujeitos: o que sonha, os mortos, os animais. O sonho caracteriza-se pelo fato do Mbyá nunca estar só (é importante ter alguém) e pela complexa relação bem/mal que adquire conotações diferentes, pois o bom pode guardar algo de ruim.

A continuidade entre os planos pode ser estabelecida por meio dos sonhos que referendam relações de parentesco. Podemos observar que os Mbyá estão sempre fazendo uma referência aos parentes, no cotidiano, a harmonia (“alegria”), o estar junto e o não misturar o sangue estão presentes. Nos sonhos o parente reaparece. Existe uma relação entre parente/força, não parente/fraqueza, de forma que os sonhos irão marcar a passagem de uma ação individual – o indivíduo que sonha – para o coletivo que absorve seus sonhos na interpretação direcionando suas

ações. Desta forma, todas as ações coletivas Mbyá, como a busca do *teko'a*, são direcionadas por meio dos sonhos.

A partir desta análise, podemos pensar os sonhos Mbyá como a capacidade do corpo/alma ir e vir, como se o mundo sobrenatural estivesse presente ao ser desperto de seu sonho, no espaço real Guarani: o *opy*, os nomes, os cantos. A continuidade entre os planos onde a “alegria” expressa a própria continuidade. Os sonhos são condutores da ação e a experiência pela qual os Mbyá vivem uma corporalidade mítica (corpo/alma que vai para Ñanderu), e a forma pela qual os Mbyá encontraram de resignificar o pensamento/ação resignificando seu universo simbólico diante do desafio histórico.

Os Guarani Mbyá transformam os sonhos em experiência que, outrossim, transforma a experiência em narrativa. Histórias e sonhos expressam o conhecimento cuja ação e experiência entrelaçam sentimentos como o da alegria. O sonho faz uma ligação entre o mundo invisível e o cotidiano reforçando uma concepção ‘religiosa’ voltada mais para a “realidade histórica” do que para um “mundo metafísico”.

## Notas:

<sup>1</sup> Esta comunicação faz parte de minha dissertação de mestrado, intitulada *Mba'evyky: o que a gente faz. Cotidiano e cosmologia Guarani Mbyá*. IFCS/PPGSA/UFRJ. 2002.

<sup>2</sup> Gonçalves (2000) enfatiza essa questão entre os Pirahã. Seu conceito de ação é absorvido neste trabalho.

<sup>3</sup> O que indica ser urubu.

<sup>4</sup> Os Guarani possuem uma vida harmoniosa por saber que eles também podem ter raiva, e a raiva para eles leva a destruição de tudo. Eles simplesmente abominam a raiva em suas relações.

<sup>5</sup> Por isso, o sentimento de amizade e alegria é cultivado diariamente seja nas atividades artesanais, seja cuidando do corpo.

<sup>6</sup> Presenciei várias narrativas, cujo diálogo intenso entre os Guarani Mbyá me surpreendeu.

<sup>7</sup> “La teoría clásica indígena de los sueños sostiene que la alma, u outra entidad como el doble de la persona, que pertenece al soñador, abandona el cuerpo durante el sueño y tiene experiencias en el mundo de los espíritos” (Williams y Degarrod, 1990:289).

<sup>8</sup> Perigoso por não possuir corpo.

<sup>9</sup> Mais exemplos sobre os sonhos, ver Oliveira 2002.

<sup>10</sup> Infelizmente não consegui nenhum relato sobre esses sonhos, mas alguns Guarani disseram ser sonhos muito comuns.

<sup>11</sup> Uma narrativa onírica dos sonhos de antigamente impressionam pela história e seu ensinamento. Ver Oliveira, 2002, II capítulo.

## Referências Bibliográficas

- DEGARROD, L. N.; WILLIAMS D. P. El Contexto y uso de los sueños en ciertas sociedades Amerindias. In: PERRIN, Michel (org.). *Antropologia y Experiencias del Sueño...* Quito: ABYA-YALA, 1990. p. 276-299. Coleção 500 años MLAL.
- DETIENNE, M. *A Invenção da Mitologia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.
- GARLET, Ivori. J. *Mobilidade Mbyá: história e significação*. 1997. Dissertação (Mestrado) -IFCH/PUCRGS, Porto Alegre, 1997.
- GONÇALVES, M. A. *O mundo inacabado*. Rio de Janeiro: EDUFRJ, 2001.
- KRACKE, W. El Sueño como vehiculo del poder shamanico. Interpretaciones culturales y significados personales de los sueños entre los Parintintin. In: PERRIN, Michel (org.). *Antropologia y Experiencias del Sueño*, 1990. p. 145-157. Coleção 500 años MLAL-ABYA-YALA.
- \_\_\_\_\_. Kagwahiv Mourning: Dreams of a Bereaved father. *Ethos* 9(4), p. 259-275, 1981.
- MONTARDO, Deise L. O. *Música e Xamanismo Guarani*. Trabalho apresentado no 24º Encontro Anual da Anpocs, Petrópolis, 2000.
- NIMUENDAJU, Curt. *As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocuva Guarani*. Tradução Charlotte Emmerich e Eduardo Viveiros de Castro. São Paulo: Hucitec, 1987
- OLIVEIRA, Vera L. *Mbae'vyky: o que a gente faz. Cotidiano e cosmologia Guarani Mbyá*. 2002. Dissertação (Mestrado) - IFCS/PPGSA/UFRJ, Rio de Janeiro, 2002.